ENSINO DECOLONIAL: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NOS PROCESSOS DE PLANEJAMENTOS E REGÊNCIAS NA ESCOLA DE ENSINO MÉDIO ALMIR PINTO

Nelito Manuel Mucacó[1]
Jília Kelly Silva Dos Santos[2]
Juliana Geórigia Gonçalves De Araújo[3]

RESUMO

O programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID é uma iniciativa que integra a política de formação de Professores. Sua finalidade é trabalhar nos processos de iniciação à docência destacando o aperfeiçoamento da formação dos/das professores/as para melhorar a qualidade da educação básica. Através dele futuros/as professores têm acesso a escolas campus que permitem vivenciar experiências no processo de formação. Sendo assim, o presente estudo tem por objetivo relatar as experiências nos processos de planejamentos e regências que ocorreram e ainda ocorrem durante as vigências nas condições de bolsistas. Nossa atuação acontece na Escola de Ensino Médio Almir Pinto, situada no município de Aracoiaba onde têm sido levados a cabo os processos de planejamento e regências obedecendo todos os critérios exigidos. Pensar a educação dentro de um caráter decolonial é importante, visto que as nossas escolas estão muito mais permeadas com materiais de autores que muitos deles nunca estiveram nestes espaços de ensino/aprendizagem. Como dupla, com o auxílio de vários materiais e as presenças da coordenadora e supervisora, tem sido possível trabalhar e pensar numa educação que tenha o sujeito como protagonista da sua história. Apresentar autores afro-brasileiros, africanos e outros saberes dos povos indígenas é fundamental numa altura em que o diálogo sobre a história e cultura dos povos tem feito parte das discussões e debates intelectuais.

Palavras-chave: educação; epistemicídio; decolonial; PIBID.

UNILAB, PALMARES, Docente, nelitomucaco@gmail.com[1]
ESCOLA DO ENSINO MÉDIO EM TEMPO INTEGRAL ALMIR PINTO, ARACOIABA, Docente, juliakelly215@gmail.com[2]
UNILAB, PALMARES, Docente, jgeorgia.araujo@unilab.edu.br[3]

ISSN: 2447-6161

INTRODUÇÃO

A proposta de um ensino decolonial ainda é um desafio. A lei 10.369 de 2023 regula a obrigatoriedade de ensino da história afro-brasileira e africana. Porém, sabe-se pelas experiências que pouca coisa tem sido feita no sentido de trabalhar conteúdos que contemplem as diferentes realidades que contemplam outros saberes. Para isso, nos propomos a selecionar e trabalhar (também) em sala de aulas autores e autoras negros e negras que não apenas dialogam com os contextos de ensino, mas que possibilitam o acesso a materiais que não sejam somente euro centrados que abordem aspetos da história e cultura afro-brasileira e africana. Portanto, o presente trabalho é o relato de experiências de ensino na perspetiva decolonial que tem sido desenvolvido em sala de aula. O mesmo tem como objetivo relatar as experiências
no tocante a uso de materiais com cunho decolonial produzidos.

METODOLOGIA

O presente estudo consiste na apresentação das vivências em sala de aula, cujos materiais de apoio foram os utilizados durante a formação e outros disponíveis na plataforma AVA que contemplam a abordagem que é desenvolvida ao longo do texto, apontando assim para o modelo de pesquisa teórica que permitiu a consulta de materiais de vários autores que dialogam com o mesmo assunto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O processo de escravização de homens e mulheres tirados de países africanos forçados a vir para o continente americano em particular no Brasil, trouxe consigo inúmeros elementos inegavelmente visíveis há muito tempo. Por conta desta presença no território brasileiro é impossível estudar a história e cultura brasileira sem fazer referência a esta influência. A ausência de discussões que contemplam tais discussões é vista através dos processos de apagamentos que deram lugar ao epistemicídio que se traduz no processo de exclusão dos saberes do outro. Dentre vários mecanismos utilizados para o apagamento, o ensino através de uma perspetiva euro centrada foi e ainda é um dos mecanismos usados para o silenciamento da voz africana e afro-brasileira neste espaço geográfico. MACHADO e SOARES (2021) destacam que a proposta decolonial se configura enquanto elemento potencializador de reflexão, e transformação de bases fixas concernente ao ensino euro centrado e trás uma perspetiva crítica, ao que conhecemos como sistema e estrutura de ensino/aprendizagem. Uma pedagogia decolonial pensada através de autores afro-brasileiros, africanos e/ou pan-africanistas é essencial para que haja um processo de acesso e partilha de conhecimento sobre conteúdos de mulheres e homens negros/as. Ao pautar por um ensino decolonial busca-se acima de tudo estudar bibliografias negras cuja as suas produções contemplam de forma efetiva e parcial os contextos de ensino, o aluno como principal elemento a ser beneficiário e a maior produtividade no processo de ensino-aprendizagem. MACHADO e SOARES (2021) entendem que alguns estudiosos buscam renovar os métodos de ensino, porém, são pensamentos que não dialogam com os contextos educacionais brasileiros tornando-se assim uma reprodução fiel ou parcial dos modelos europeus. Um ensino que dialoga com a realidade do aluno contribui para um processo de aprendizagem diferenciado e democrático. O processo para um ensino através de uma pedagogia decolonial e antirracista exige um desafio muito grande, porque à primeira vista temos um sistema que sempre marginalizou o corpo negro e seus saberes ao longo da história e precisou de referência externa para pensar nas comunidades marginalizadas. O passo do trabalha que tem sido desenvolvido deve-se ao fato de estarmos inseridos numa universidade que pensa as epistemologias do sul

ISSN: 2447-6161

global em parte como prioritárias e se desafia a trabalhar ementas que contemplam as realidades das comunidades e agentes sociais excluídos pelo sistema cuja sua sobrevivência se dá através de buscas constantes de meios para contornar as situações impostas. Sabe-se que documentos existem para que os professores e as escolas possam buscar e trabalhar propostas decoloniais em salas de aulas. Para isso, uma pedagogia que segundo Bell Hooks se constitui transgressora ou libertadora se preferirmos Paulo Freire, é importante para sair do mesmo ciclo de reprodução. A partir do momento em que pensamos no sujeito subalternizado a busca por matérias que contemplam sua realidade deve ser um desafio do Professor em sala de aula. Esta compreensão ajudou-nos a trabalhar com diferentes autores e temas, como: os cadernos negros, áudio da Isolda disponível no Youtube para trabalhar os elementos da comunicação, os provérbios de Carolina Maria de Jesus para tratar das figuras de linguagem em semântica, os anúncios publicitários que os alunos tiveram várias oportunidades de ouvir através de carros de sons entre outros elementos trazidos em sala de aula que dialogassem com o contexto e que o sistema não consegue contemplar. Portanto, esta busca por outros meios de produção de conhecimento se configura no que OLIVEIRA e CANDAU (2010) vão afirmar que a decolonialidade é uma estratégia que está não só no processo de mudança da descolonização, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber através de buscas como a que tem sido utilizada nos processos de planejamentos e regências. É necessário admitir que a europa não pretendeu somente retirar os bens dos povos e países colonizados e sim ter um domínio total. Por meio da sua implementação, os colonizadores sempre aprisionaram segundo FERREIRA e MACHADO (2022) os países dominados a conceitos que surgiram da europa. Os autores ainda destacam que o domínio dos mesmos sobre as sociedades até os dias de hoje se dá através da grande importância e destaque dos saberes europeus que se colocam acima de qualquer outro saber. A partir deste ponto assistimos todos os dias, o que é conhecido como epistemicídio que no contributo de ALMEIDA (2022), “estamos falando de formas de dominação hegemônicas que além de subalternizarem os sujeitos dominados, aniquilam seus saberes e a validade desses próprios conhecimentos”. Levanta-se aqui a hipótese de que ao trabalhar outros autores em sala de aulas abre-se espaço para um processo de letramento crítico que contribui significativamente para aquisição do conhecimento de si (do e da aluna) através de quem vive ou viveu a mesma realidade. Segundo SARDINHA (2018) O letramento crítico permite questionamentos e acesso a outros saberes que podem contar a mesma situação dentro de uma perspectiva diferenciada. A existências e o acesso a diferentes textos tem ajudado a cumprir este papel tão relevante. Portanto, é importante ressaltar que é uma tarefa difícil querer desenvolver uma pedagogia decolonial nos contextos aos quais estamos inseridos. Ainda não existe uma flexibilidade para assim o fazer. Porém, não podemos negar a importância do ensino decolonial e os resultados positivos que podem ser obtidos através dos processos de desconstrução de saberes centralizados. É preciso pautarmos por um ensino em que os conteúdos conversem com a realidade do aluno e o professor/a seja o mediador e facilitador neste processo.

CONCLUSÕES

Em virtude dos argumentos aqui apresentados, conclui-se que um ensino decolonial é necessário e as sociedades, em particular, o Brasil, não pode escapar desta realidade. A falta de materiais não são mais uma justificativa para este desafio. Os docentes são e devem sentir-se desafiados nesta busca incansável, gratificante e “desobediente” missão epistemológica dada a importância e o papel que um ensino decolonial, leitura crítica e aprendizagem contextualizada representam para os estudantes e o desenvolvimento endógeno. Durante as experiências em salas de aulas os resultados sempre foram positivos porque os alunos concluíram que existem outras formas de ter acesso aos saberes e aos conhecimentos dos povos originários e

ISSN: 2447-6161

africanos. A presença, por exemplo, de literaturas dos povos originários é um elemento que marca a nossa trajetória nesta interação que será fundamental pela presença de diálogos com saberes antes desconhecidos total ou parcialmente.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Iniciação à Docência (PIBID)
À professora e coordenadora Doutora Juliana Georgia de Araújo
À professora supervisora na escola campus Júlia Kelly Silva dos Santos
Ao colega de dupla Eliaquim Silva
A Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Fábio Sampaio de. SULEANDO CONCEITOS E LINGUAGENS: decolonialidades e epistemologias outras- Epistemicídio. – 1. ed. – Campinas, SP Pontes Editores, 2022.

FERREIRA, Dina Maria Martins; MACHADO, Lucineudo Irineu. SULEANDO CONCEITOS E LINGUAGENS: decolonialidades e epistemologias outras- COLONIALIDADADE DO SABER. – 1. ed. – Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

MACHADO, Rodrigo Correa Martins; SOARES, Ivanete Bernardino. POR UM ENSINO DECOLONIAL. Revista Brasileira de Linguística Aplicada. v 21. n 3. 2021.

OLIVEIRA, Luís Fernandes de; CANDAU. Vera Maria Ferrão PEDAGOGIA DECOLONIAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E INTERCULTURAL NO BRASIL. v 26. n 1. Belo Horizonte. 2010.

SARDINHA, Patrícia Miranda Medeiros. LETRAMENTO CRÍTICO: UMA ABORDAGEM CRÍTICO-SOCIAL DOS TEXTOS. Linguagens & Cidadania, v. 20. 2018

ISSN: 2447-6161